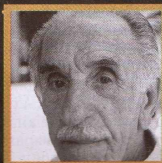


# PIONEIROS

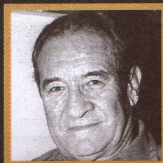
*Histórias de quem fez Brasília*

O ritmo do trabalho na construção da nova capital era contagiante. Quem chegava ao Planalto Central para uma visita era logo envolvido pelo barulho das obras, pela empolgação dos operários, pelo sonho de Juscelino. Foi assim que aconteceu com muitos dos primeiros moradores. Na série *Pioneiros - Histórias de quem fez Brasília*, as lembranças deste tempo estão sendo revividas por cem pioneiros.

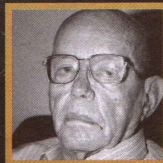
Amantino da  
Silva Marreco



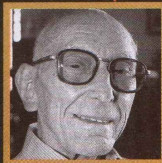
Arturo  
Buzzi



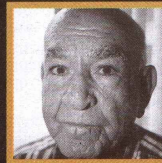
José Linhares  
Albuquerque



Justino  
Baumann

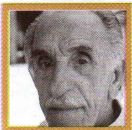


Roosevelt  
Nader





## PIONEIROS



Amantino da Silva Marreco

# Orgulho por ajudar na consolidação do sonho de JK

Arquivo pessoal



AMANTINO VISITA OBRA ADMINISTRADA PELA COODEBRÁS, NA COMPANHIA DO ENTÃO MINISTRO DO PLANEJAMENTO, REIS VELOSO

BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Enquanto o edifício sede do Banco do Brasil, no Setor Bancário Sul, era construído, Amantino da Silva Marreco trabalhava 10, 12 horas por dia ou mais no subsolo do prédio. O gramado da Esplanada dos Ministérios ainda não havia sido plantado. A obra da rodoviária também não estava concluída. O prédio do Banco do Brasil alcançava apenas o segundo andar.

Marreco era responsável por acompanhar as obras que o banco realizava em Brasília — além da sede, os prédios das superquadras 114 e 308 Sul e as quadras 43 e 47, onde hoje ficam as 700, na W3 Sul. “Fui obrigado a desembarcar no Planalto Central por acaso”, conta. “Entre na sala do diretor geral do banco, no Rio de Janeiro, exatamente na hora em que ele precisava escalar alguém para substituir o funcionário que estava aqui”, completa.

Natural de Santa Tereza, no Espírito Santo, Marreco nunca imaginou que precisasse deixar sua residência no Rio para morar num canteiro de obras, mas a determinação era indiscutível. No dia se-

guinte, em 20 de março de 1960, seu endereço já era outro: os alojamentos que o Banco do Brasil mantinha na 303 Sul, chamados de *lâminas*.

Nas *lâminas*, os primeiros funcionários do Banco do Brasil a virem para Brasília conviviam com engenheiros e trabalhadores das obras num conjunto de barracos de madeira composto por dormitórios, um escritório e um refeitório.

## Ritmo Brasília

Mesmo insatisfeito com a ideia de deixar a família e o Rio de Janeiro, Marreco diz não ter tido tempo de se arrepender da empreitada. “Todos que aqui chegavam rapidamente entravam no ritmo alucinante de trabalho, que a emergência da construção da capital originava”, conta. “No alojamento, às 6 horas éramos despertados por alguém que dizia: vamos acordar, Juscelino es-

tá chamando!”, completa.

No subsolo do banco em construção, até uma cozinha foi montada para que ninguém precisasse se retirar dali durante as horas de trabalho. A comunicação em Brasília ainda era muito precária. Os aparelhos de telefone na cidade eram raros. Algumas firmas se comunicavam por rádio, mas era pelos malotes, que chegavam ao aeroporto todos os dias que as

pessoas recebiam notícias de seus familiares ou pedidos e solicitações de trabalho.

O presidente Juscelino Kubitschek costumava percorrer pessoalmente as obras da nova capital em horários pouco comuns, às vezes na madrugada. “Ele chegava sem avisar, em silêncio”, revela Marreco. “Olhava tudo e perguntava quando a obra seria inaugurada”, completa. A primeira visita de JK ao então futuro edifício sede do Banco do Brasil foi uma surpresa para todos.

“Um contínuo me disse: o presidente está aí”, recorda-se. “Pensei que fosse o presidente do banco e quando vi era o da República.” Marreco apresentou-se a JK como responsável pela Comissão de Construção das Obras do Banco do Brasil. “Na mesma hora fui cobrado para inaugurar o prédio no dia 21 de abril, dia da inauguração da capital”, conta. “Para nossa surpresa, no dia da festa, ele próprio passou rapidamente no prédio para conferir se o pedido havia sido atendido”, conclui.

Com o término da construção do banco, Marreco recebeu um convite para trabalhar no Ministério da Fazenda e, pouco tempo depois, na Universidade de Brasília, como diretor administrativo.

A reitoria estava instalada em um barraco de madeira. O minhocão ainda estava em obras e nada funcionava na universidade.



## PIONEIROS

*O funcionário público veio para Brasília, meio por acaso, para substituir o funcionário do Banco do Brasil que cuidava das obras da instituição na nova capital*

As salas ficavam em unidades isoladas, espalhadas pelo Campus. "Era importante dizer que aqui havia Ensino Superior porque o movimento contrário à instalação da capital aqui era grande", afirma. "Mas a inauguração da UnB foi um ato simbólico, porque na verdade a universidade ainda não existia", explica.

Mesmo assim, a matrícula dos estudantes era aceita e as aulas ministradas pelos poucos professores que aceitaram o desafio de iniciar as atividades da aquela unidade de ensino.

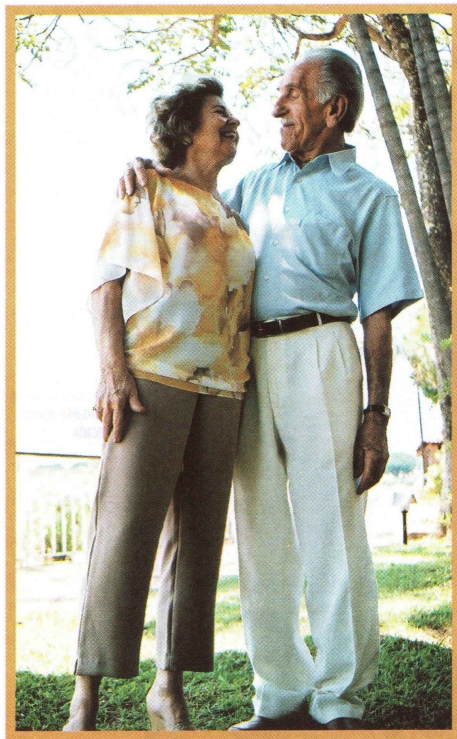
Em contrapartida, vivia-se um momento em que os estudantes tinham um grande poder de reivindicação. Todos os dias havia manifestação em protesto a alguma coisa que faltava na universidade. Podia ser comida no bandeirão ou professores nas salas de aula. As greves de estudantes e a depredação dos espaços durante a noite eram frequentes.

O trabalho na universidade durou quatro anos e proporcionou a Marreco algumas das melhores lembranças que ele guarda dos primeiros dez anos que viveu aqui.

### Coodebrás

Depois da UnB, Marreco foi encarregado, em 1969, pelo ministro do Planejamento da época, Reis Veloso, de chefiar os trabalhos da Coodebrás — Coordenação do Desenvolvimento de Brasília. O cargo executivo ocupado por Marreco era criado em substituição a dois departamentos e 12 cargos de comissão.

Após a inauguração de Brasília e a saída de JK do governo fe-



AMANTINO E ELOAH APROVEITAM A VIDA NA CIDADE ATÉ HOJE

deral, as obras na cidade caminhavam lentamente. As pessoas que vislumbravam futuro promissor na nova capital já haviam se instalado em Brasília, mas muitos cargos da administração federal aqui ainda não estavam preenchidos. Na política, falava-se do retorno da capital da República para o Rio de Janeiro. Tudo isto dificultava que outras pessoas despertassem o interesse em vir para cá. Era preciso finalizar a construção da cidade. A responsabilidade por isto ficou a cargo da Coodebrás.

A Coodebrás seria responsável

então pela conclusão das superquadras, nas asas Sul e Norte. Além de contratar as obras, adquirir o material necessário para as construções e fiscalizá-las, a Coodebrás ainda era encarregada de providenciar a transferência dos funcionários do serviço público federal para cá.

O Ministério do Planejamento definia quem ocuparia os apartamentos prontos, à medida que fossem entregues, conforme grau de escolaridade e número de dependentes na família.

Além das superquadras, a Coodebrás também construiu as

residências oficiais do governo, como o Palácio do Jaburu, a residência de campo, no Riacho Fundo, e a Península dos Ministros.

Hoje, aos 84 anos de vida, Marreco orgulha-se de ter contribuído com a consolidação do ideal de JK. Para ele, a construção de Brasília foi um fator de fortalecimento da nacionalidade brasileira. "A administração federal não tinha unidade no Rio de Janeiro, ficava espalhada em vários pontos da cidade", explica. "Não havia esse sentimento patriótico que sentimos aqui diante da sede da Capital Federal."

“  
**TODOS QUE AQUI  
 CHEGAVAM  
 RAPIDAMENTE  
 ENTRAVAM NO  
 RITMO  
 ALUCINANTE DE  
 TRABALHO QUE A  
 EMERGÊNCIA DA  
 CONSTRUÇÃO DA  
 CAPITAL  
 ORIGINAVA**”

## Raio X

### Nome:

Amantino da Silva Marreco

### Idade:

84 anos

### Natural de:

Santa Tereza, Espírito Santo

### Profissão:

Funcionário público aposentado

### Esposa:

Eloah de Freitas

### Marreco

### Filhos:

Ângela, Sérgio, Marília, Denise e Adriana

### Netos:

Larissa, Bruno, Isabela, Natália, Daniel, Fábio, Victor, Daniela, Mariana, Luíza, Carolina, Rafaela, Pedro Henrique, Renata, Fernanda e Guilherme.

## Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavacitti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Brasileiro Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

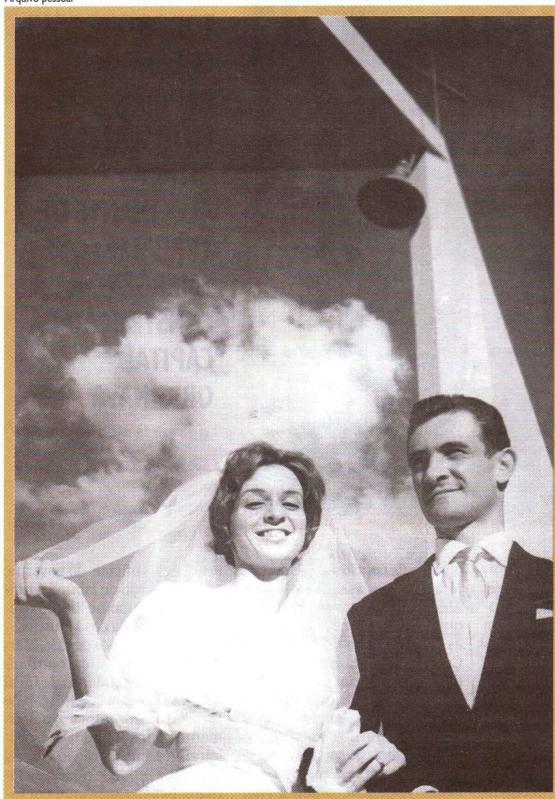
Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



Arturo Buzzi

# Sem problemas para se adaptar à cidade

Arquivo pessoal



NO FINAL DE 1960, ARTURO CASOU COM A CATARINENSE MARIA APARECIDA

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi com o dinheiro que sobrou das viagens de comemoração da formatura — na Faculdade de Direito de Santa Catarina, em outubro de 1959 — que o jovem advogado Arturo Buzzi aproveitou para dar uma esticadinha até o Planalto Central para conhecer a futura sede do governo brasileiro. A viagem a Brasília mudou para sempre a sua vida.

A presença aqui da namorada de Florianópolis, Maria Aparecida — ela veio para morar com o pai, um mês antes de o namorado chegar —, foi um incentivo a mais para que Buzzi ficasse de vez na nova capital. Foi na casa do futuro sogro, na Fundação da Casa Popular, ao lado de Maria Aparecida, que o jovem encontrou abrigo até se casar.

Como a advocacia no Distrito Federal ainda era incipiente, o catarinense de Rio do Sul foi buscar, numa mina de amianto no interior de Goiás, de propriedade do sogro, a chance de melhoria de vida. De lá seria retirada a matéria-prima para a fibra de amianto, que seria usada na fabricação de telhas em Brasília. Os pioneiros não tiveram sorte. Dias depois, a mina foi invadida pelos moradores, que acreditavam no alto valor comercial do amianto. A solução foi desistir do negócio e procurar outra forma de ganhar a vida.

A experiência adquirida ante-

riormente nos escritórios de advocacia de Santa Catarina como *solicitador* — nas mesmas funções que hoje são praticadas pelos estagiários — o levou a se inscrever na Ordem dos Advogados.

A carteira nº 5 dava conta dos poucos profissionais que aqui havia até então: Antônio Carlos Osório (o primeiro advogado de Brasília), Inezil Penna Marinho, José França e Leopoldina Eugênia.

## O primeiro escritório

Foi em seu primeiro escritório, localizado na 2ª Avenida, na Cidade Livre, ao lado do colega Odilo Arlindo Philippi, que ele começou a advogar na nova capital, após des-

sistir dos inúmeros “processos que se amontoavam” em Planaltina de Goiás — atual cidade-satélite de Brasília e onde funcionava a Justiça local naquela época. “Como no início da construção havia muitas transações comerciais, contratações etc., os problemas também iam crescendo. Era falta de pagamento, não cumprimento de contrato, ações de despejo e um grande número de divórcios por causa da transferência da capital”, explica o membro do Instituto dos Advogados de Brasília.

Com tantos processos judiciais, a chegada de novos profissionais de Direito era sempre bem-vinda. O escritório, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), aos poucos ia recebendo mais advogados: Rubichê Pena e Áuria de Campos Tacelliker, que contribuíram para o desenrolar dos processos na capital.

As várias décadas de trabalho lhe propiciaram alguns fatos pitorescos, dentre eles, um que até hoje recorda nos mínimos detalhes. Uma senhora com um forte sotaque italiano e arrastando um alemão entrou em seu escritório portando um documento e dizendo que tinha comprado o Bar Itália, o mais famoso do Núcleo Bandeirante na época. “Foi uma negociação malfeita, porque um dos irmãos proprietários queria voltar para a Itália, e outro, não. Apesar disso, a venda foi efetivada”, lembra o advogado Buzzi, que teve que ir até o bar para solucionar o problema.



## PIONEIROS

*Depois de formado em Direito e de fazer estágios em escritórios de advocacia em Santa Catarina, Arturo se aventurou pelo Cerrado, atrás da namorada que havia vindo para cá com o pai*

O PIONEIRO CASOU NA CIDADE E AQUI VIVE COM A FAMÍLIA ATÉ HOJE



Encerrado o caso, dias depois aparece uma nova confusão com a suposta italiana. Aparece no escritório o alemão que a acompanhara da primeira vez, reclamando os direitos de propriedade de parte do bar. Sua companheira, proprietária do bar, Maria Ingar Marcos — que mais tarde seria a dona do Fêmina Modas, na 107 Sul —, havia se separado dele sem dividir nada. Ele tinha sido abandonado e possuía a cópia de um cheque, que tinha dado para ela, da metade do valor da compra. “Sem a companheira e sem o dinheiro, o alemão ficou a ver navios e foi até o escritório procurar seus direitos”, conta.

Uma curiosidade de que Arturo se lembra bem é que o cheque que pagou a aquisição do bar havia sido preenchido por Maria em italiano (idioma que aprendeu quando era casada com um nobre da Itália).

As dificuldades do início da construção de Brasília eram contornadas com a criatividade dos pioneiros, que não mediam esforços para resolvê-las. Um trailler, de aproximadamente três metros de comprimento, improvisado ao lado do Ministério do Tribunal de Recursos, no bloco 6 da Esplanada dos Ministérios, foi o local encontrado para dar andamento aos processos judiciais da época. Quando Buzzi não se encontrava no escritório, atendia dentro do pequeno trailler os “clientes e advogados vindos de outros estados e comandas junto aos Tribunais Superiores”.

O crescimento do comércio no Plano Piloto incentivou a mudança do escritório da Cidade Livre para o Edifício JK, no Setor Comercial Sul, onde o advogado

trabalhou por um bom tempo ainda ao lado de Inezil Penna.

Com a transferência da capital, o primeiro advogado do Banco Regional de Brasília (BRB) — e um de seus fundadores —, que até então morava com o sogro na quadra 32 da Fundação da Casa Popular, foi morar numa casa emprestada por um amigo na quadra 20 da W3 Sul. Depois disso a renda se mudou para as residências na 410, 107 e 108 Sul, “todas emprestadas”, garante ele. O pioneiro só conseguiu uma moradia definitiva quando foi nomeado conselheiro de Administração da Novacap, quatro anos depois de sua chegada a Brasília.

Lá, o novo morador da 315 Sul pôde então oferecer segurança e conforto à família.

O casamento com a catarinense Maria Aparecida Buzzi, no mesmo ano da inauguração de Brasília — em dezembro de 1960 —, demonstra a confiança no ideal de transferência da capital e a boa adaptação dos novos às terras inóspitas do cerrado. Mesmo sob a desconfiança do padre Demétrio, que suspeitava do estado civil do noivo, que não tinha entregue a tempo a papelada, o casamento foi realizado com todo o requinte e os dotes artísticos de Maria Aparecida, que foi buscar nas flores do cerrado a decoração para a

igreja. Para festejar a união, o casal não teve outra escolha senão receber os cumprimentos na única boate da cidade, a Macumba, que funcionava na W3 Sul.

### União e solidariedade

Segundo o pioneiro, naquele tempo havia um espírito muito forte de união, seriedade, aventura — no bom sentido da palavra — e solidariedade entre as pessoas, características comuns de uma típica cidade do interior. “Quando as pessoas saem do campo e vão para as grandes cidades elas perdem a identidade. E aqui não, todos naquela época se conheciam, os amigos sempre se reuniam e era mais fácil fazer amizades”, explica o pioneiro.

“Juscelino Kubitschek foi muito feliz ao idealizar a capital no centro do país, que representa hoje um pólo de integração nacional e um marco na História do Brasil, não só na arquitetura, mas principalmente pela miscigenação ocorrida aqui e que foi muito benéfica para a sociedade”, ressalta Buzzi.

Aos 71 anos de idade, o advogado, que trabalhou mais de dez anos na Siderurgia Brasileira S.A. (Siderbras), ainda exerce a carreira jurídica no escritório-residência na sua chácara, no Lago Sul, ao lado de uma das filhas que resolveu seguir a carreira do pai.

Além de advogar, Arturo Buzzi se preocupa com seu lado espiritual. Ele dedica boa parte de seu tempo às atividades eclesiais. A missa para o pioneiro é sagrada, todos os dias faz questão de ir à Paróquia das Marcellinas fazer suas orações. Lá, ele é ministro da Sagrada Comunhão e dá aulas de catequese.

“**NO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO HAVIA MUITAS TRANSAÇÕES COMERCIAIS E OS PROBLEMAS IAM CRESCENDO. ERA Falta de PAGAMENTO, NÃO CUMPRIMENTO DE CONTRATO, AÇÕES DE DESPEJO E UM GRANDE NÚMERO DE DIVÓRCIOS**”

## Raio X

**Nome:** Arturo Buzzi  
**Idade:** 71 anos  
**Origem:** Rio do Sul, Santa Catarina  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Profissão:** Advogado  
**Esposa:** Maria Aparecida Buzzi  
**Filhos:** Arturo, Marcelo, Cláudia, Leonardo, Alexandre, Maria e Cleusa  
**Netos:** Gabriella, Rafaela, Bruna, Giovanna e Enzo





José Linhares de Albuquerque

Aos 84  
quando

# Brasília, um marco na história brasileira

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

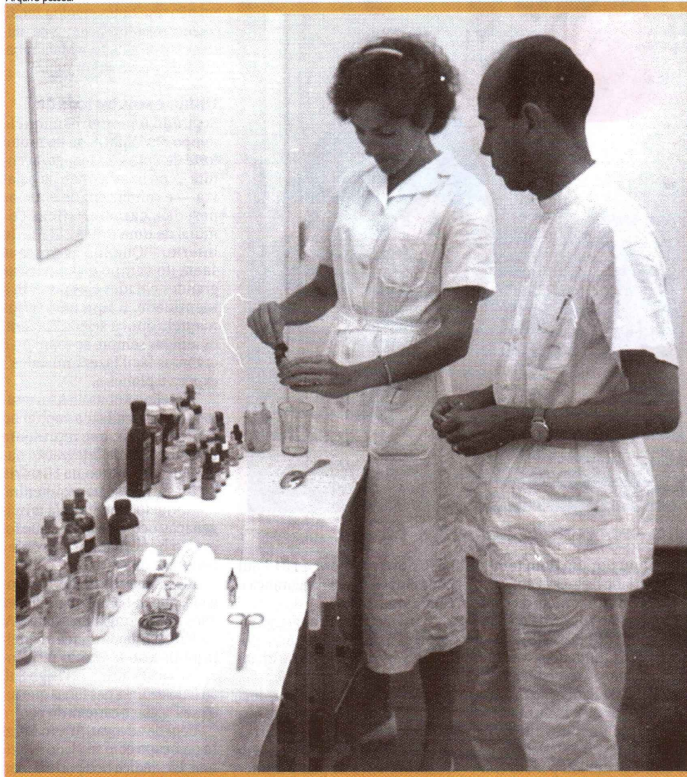
Um mês de trabalho na quase capital brasileira foi tempo suficiente para esse mineiro de Ponte Nova se apaixonar pela cidade. De férias no Ministério da Justiça, no Rio de Janeiro, onde trabalhava, José Linhares de Albuquerque recebeu o convite do colega de turma da universidade, Hadir Souto Maior — diretor do Serviço de Tuberculose da Novacap —, para prestar os serviços médicos no Planalto Central um ano antes da inauguração de Brasília.

"Apesar de se alimentarem bem, os funcionários trabalhavam 48h sem parar e o desgaste físico era muito grande, por isso eles contraíam a doença facilmente", explica o médico que trabalhou de graça, um mês inteiro, nos ambulatórios improvisados nos galpões da Novacap.

O visitante ficava assombrado com o ritmo de trabalho naquela época. "Os martelos batiam dia e noite e as serras-circulares cortavam sem parar. Isso sem falar nas lâmpadas acesas o tempo todo", recorda o ginecologista.

Terminadas as férias, o médico deu um pulo ao Rio com a intenção de pedir sua transferência para Brasília. Sem sucesso, teve de redigir um ofício, que foi entregue ao presidente Juscelino Kubitschek para autorizar a mu-

Arquivo pessoal



NO DIA DA INAUGURAÇÃO, JOSÉ LINHARES ESTAVA DE PLANTÃO NO HOSPITAL JKO, NA CIDADE LIVRE

os folguedos da cerimônia de inauguração, dentro do hospital o ritmo era de muito trabalho. O pioneiro chegou a atender nos dois dias em que trabalhou no JKO — dia 21 e 22 de abril de 1960 — cerca de 200 pessoas vítimas de batidas de automóveis e outros acidentes provocados pelo agito e o vaivém na inauguração. "Como Brasília era um pouco escura e os viadutos não tinham a barra de proteção, muitos carros despencavam", lembra o médico.

Com a inauguração do Hospital de Base, os funcionários puderam atender no local, conforme contrato de trabalho estabelecido pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Em um cubículo de madeira com teto em concreto armado, os médicos José Walter Marinho, Políbio Pedrosa, Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa e Linhares buscaram na coragem e na força de vontade a energia para superar as dificuldades da falta de estrutura do hospital. "As divisórias eram todas de madeira e, quando chovia, a enxurrada alcançava quase 15cm de altura nas paredes das salas de parto", conta o obstetra, que muitas vezes passava a mão no rodo para tirar a água.

Apesar da ginecologia ser a sua especialidade, o médico se prontificava para quase todas as cirurgias — menos a craniana. Naquele mesmo ano, Linhares fez um

dança. Poucos dias depois, ele estava de volta a Brasília. Desta vez, de definitivo.

Como o atual Hospital de Base ainda não tinha estruturas ade-

quadas para o funcionamento, os funcionários contratados pela Novacap para trabalhar lá foram transferidos para o JKO — Hospital Juscelino Kubitschek de Oli-

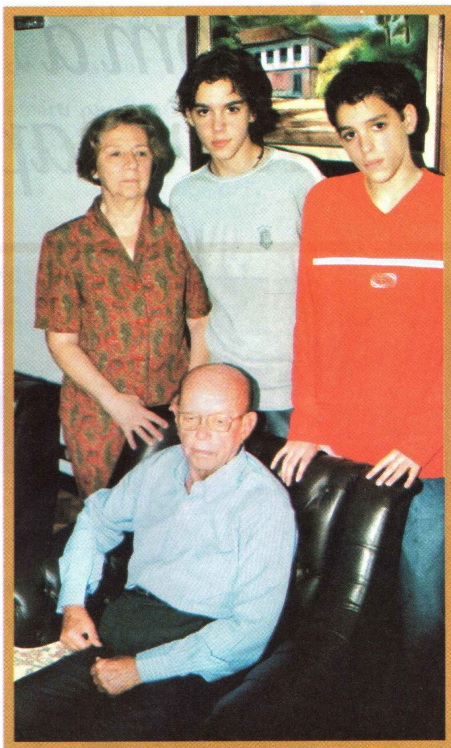
veira, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Foi no JKO que o médico realizou as primeiras consultas como morador.

Enquanto do lado fora se ouvia



4 anos, o médico lembra com emoção da vida durante a construção da capital, do ritmo de trabalho nas obras e a precariedade da vida debilitavam os candangos

**JOSÉ LINHARES ADMITE AS MUDANÇAS DA CIDADE, MAS NÃO SE ARREPENDE DA VIDA QUE TEVE NA CAPITAL COM A MULHER, OS FILHOS E AGORA OS NETOS**



dos mais comoventes partos de sua carreira, o de um garoto de tamanho fora do normal — que estava praticamente morto — e que exigiu o auxílio do fórceps e o esforço do médico pioneiro. “Graças ao acompanhamento do pediatra José Flores, hoje o menino vive com saúde e sem nenhuma deformação”, conta.

O ritmo de trabalho na nova capital e a *dobradinha* — o salário pró-labore (por serviço prestado) e o salário-base — eram um incentivo a mais para o médico, que trabalhava 24h por dia. “Eu saía do ambulatório e ia direto para o plantão. Lá no hospital, eu fazia minhas refeições e utilizava os serviços de lavanderia. Muitas vezes ia em casa só para dormir”, afirma Linhares.

### Emoção

Foi dentro das salas de parto do Hospital Regional da Asa Sul que o médico presenciou uma das cenas mais marcantes de sua vida: o parto de uma senhora, no sétimo mês de gestação, que apresentava sintomas de derrame cerebral. A criança, que já corria risco de vida, foi salva em 17 minutos — tempo que durou o parto sem anestesia — e a mãe encaminhada para a UTI. “Sete dias depois, enquanto a criança se recuperava no berçário, encontrei a Matilde (mãe da criança) tomando sol no pátio do hospital”, lembra emocionado por ter salvo duas vidas.

Formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Linhares encontrava diversão nas sessões noturnas da Câmara dos Deputados. “A cidade tinha uns poucos *cineminhas* e, além disso,

eu gostava de assistir aos debates sobre os assuntos da época e sobre a mudança da capital. Alguns eram contra, outros a favor...”, lembra o então novo morador, que ainda guarda na memória o nome dos parlamentares Flores da Cunha, Otávio Mangabeira e Carlos Lacerda.

Para o candango, a paz e o sossego de Brasília hoje já não são como antigamente, quando andava tranquilamente com seu gordo ordenado no bolso — o equivalente a 32 mil reais — ou dormia com as portas e janelas de casa abertas, na 108 Sul. Mesmo sem poder fazer mais isso, ainda considera a cidade ideal para morar.

Apesar do trabalho ocupar a maior parte do tempo, quando está de folga o pioneiro só sai de casa para “cumprir as obrigações sociais, um casamento, uma missa”, mas logo volta para fazer o que mais gosta: ler e estudar. “Às vezes, dou uma fugidinha de três ou quatro dias para Ponte Nova, lá em Minas, para ver meus familiares”, ressalta.

Aos 84 anos, o médico ainda trabalha — das sete da manhã às sete da noite — num posto de saúde de Taguatinga. O entusiasmo e a motivação das primeiras consultas ele ainda carrega consigo. Características que herdou dos milharses de operários da construção de Brasília.

“**APESAR DE SE ALIMENTAREM BEM, OS FUNCIONÁRIOS TRABALHAVAM 48H SEM PARAR E O DESGASTE FÍSICO ERA MUITO GRANDE, POR ISSO, ELAS CONTRAÍAM A DOENÇA (TUBERCULOSE) FACILMENTE**”

Foi também nos corredores dos hospitais, no início da carreira, quando ainda morava no Rio de Janeiro, que o membro da Associação Médica de Brasília conheceu a enfermeira Maria Eneida, com quem se casou assim que chegou. Os três filhos — José Linhares, Ana Paula e Roberto — nasceram e foram criados aqui.

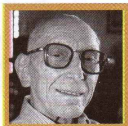
Com mais de 20 mil partos no currículo e vários trabalhos em prol dos candangos, Linhares considera Brasília mais que uma oportunidade de trabalho e realização profissional, ela representa um marco na história brasileira por contribuir para o processo de interiorização do país.

## Raio X

**Nome:** José Linhares de Albuquerque  
**Idade:** 84 anos  
**Origem:** Ponte Nova, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Profissão:** Médico  
**Esposa:** Maria Eneida de Araújo Linhares  
**Filhos:** José Linhares, Ana Paula e Roberto  
**Netos:** San, James e Roberto  
**Filho**



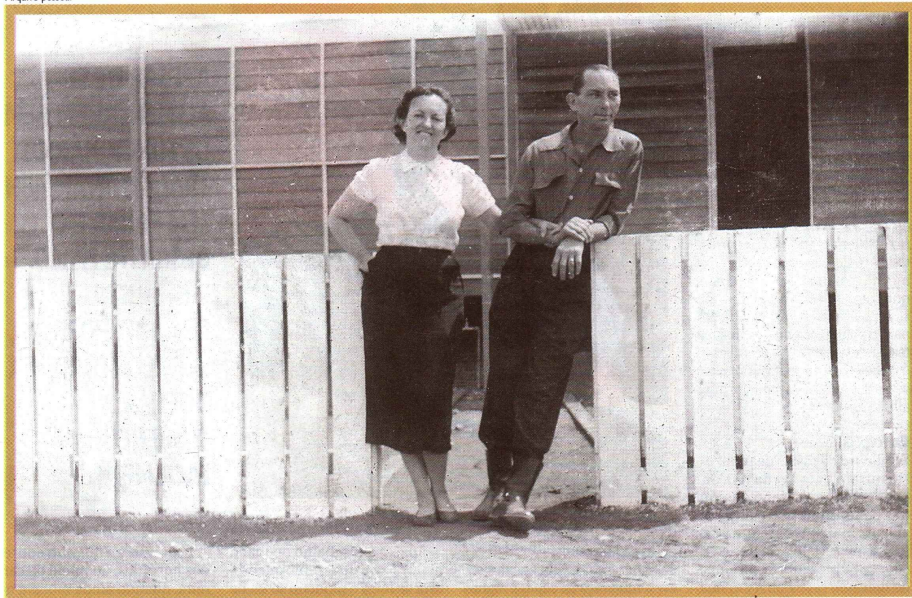
## PIONEIROS



Justino Baumann das Neves

# Carreira renovada com a mudança para a nova capital

Arquivo pessoal



VINÍCIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vinda do Rio de Janeiro para Brasília do gastroenterologista Justino Baumann das Neves, em julho de 1958, representou mais do que um desafio. Foi um reacerder da carreira desse médico que, aos 46 anos de idade, trocava a velha capital onde tinha clientela garantida pela nova. Onde teria que atender cerca de 2.200 funcionários do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (-IAPB) em qualquer enfermidade que aparecesse. "Muitos diziam que era loucura. Minha família toda chorava no Rio de Janeiro, mas eu nunca tive dúvida e até hoje não me arrependo", conta Justino, que veio para cá com a esposa, Maria Clara, seus dois filhos, Léia e Renato, e a sogra, Amélia Coelho. "Ela era provavelmente a pessoa mais idosa de nosso acampamento", lembra Justino, sem esquecer de que quando a sogra voltava da rua tinha os cabelos brancos "pintados de rosa pela terra vermelha da cidade".

Justino Baumann foi convencido a vir para Brasília em uma palestra do colega Ernesto Silva, no Rio de Janeiro. As palavras de incentivo de Ernesto logo contagiaram Justino, que acabou se candidatando como um dos voluntários para vir para Brasília. "Ernesto Silva levou maquetes e desenhos para mostrar onde iria ser cada setor da cidade", conta o pioneiro, um dos primeiros mé-

dicos da cidade e o único que atendia no ambulatório do acampamento do IAPB, localizado onde hoje estão as quadras 108 e 109 Sul. "Morávamos em casas pré-moldadas de madeira e as pessoas batiam na porta lá de casa a toda hora para pedir um medicamento ou para se consultar. Quando eu não estava em casa, minha esposa, que de tanto ouvir minhas receitas já sabia alguma coisa de medicina, era quem receitava os remédios aos pacientes", lembra Justino.

Com poucos dias de Brasília, Justino teve que enfrentar o primeiro corre-corre na capital. "No final do mês de julho, houve um acidente muito sério que mobilizou as equipes do ambulatório do acampamento e do hospital da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). O elevador de um prédio em construção teve seu cabo rompido e os trabalhadores caíram de lá. Algumas pessoas morreram e outras ficaram feridas", afirma Justino. O trabalho foi tanto que médicos dos acampamen-

tos de outros institutos tiveram que ser chamados para ajudar.

Com a inauguração da cidade, Justino foi trabalhar no Hospital Distrital — atual Hospital de Base —, mas sem largar o IAPB, que unido aos outros institutos passavam a formar o INPS, e em seu consultório próprio. Além disso, Justino foi um dos fundadores da Associação Médica de Brasília e do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, dois feitos de que se orgulha muito. "Fui um dos primeiros médicos a chegar

**NOS PRIMEIROS ANOS DE BRÁSILIA, JUSTINO, MARIA CLARA, OS FILHOS E A SOGRA MORAVAM EM UMA CASA PRÉ-MOLDADA DE MADEIRA NO ACAMPAMENTO DO IAPB**

aqui e os meus números de inscrição mostram isso com exatidão", diz o médico, que possui o registro 23 da Associação Médica de Brasília e o CRMDF de número 37.



## PIONEIROS

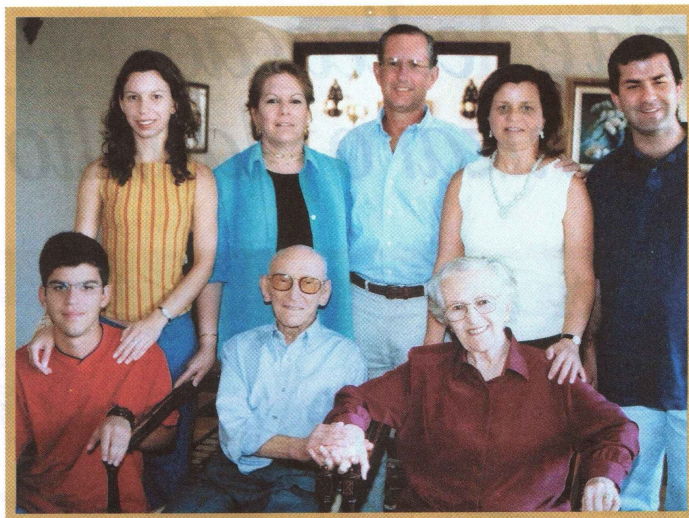
*O médico deixou o Rio de Janeiro, com toda a família, rumo a Brasília, em 1958, depois de uma palestra do também pioneiro Ernesto Silva sobre a nova capital*

### Paixão pela medicina

Em 1984, ele se aposentou, mas a paixão pela medicina é tanta que até hoje, do alto de seus 91 anos de idade, ele procura se atualizar em sua profissão lendo revistas especializadas.

Mudar-se de uma cidade praiana como o Rio de Janeiro, onde morava com sua família no nobre bairro de Copacabana, para o Planalto Central, em uma cidade que não passava de um projeto, nunca assustou Justino. Nem mesmo as quatro horas de viagem de avião que separavam as duas cidades ou o temor de sua família, que dizia que aqui não tinha gás, o desanimaram. "Sempre tive a certeza de que Brasília ia dar certo. Estava realmente decidido a vir para cá", afirma ele, garantindo que não teve muitos problemas para se adaptar à nova morada. Mesmo porque o acampamento do IAPB, onde ele veio morar, era o mais rico e disponibilizava casas de madeira pré-moldadas com banheiros individuais e transporte coletivo à disposição para levar as crianças ao colégio e as mulheres às compras, na Cidade Livre.

Os obstáculos oferecidos pelo cerrado eram logo superados pelo obstinado médico. Com a terra vermelha não tinha problema: era só lavar a cabeça cerca de três vezes por dia e vestir uma roupa impermeável por cima do jaleco branco, caso chovesse, até chegar ao consultório. E com o clima, outro vilão do início da cidade, o problema era nenhum. "Adaptei-me fácil às mudanças de temperatura da cidade, que vêm desde aquela época", garante Justino, que lembra de sair de casa com o termômetro marcando 6°C e voltar para o almoço com uma temperatura sete graus acima desta.



JUSTINO E MARIA CLARA ENFRENTARAM TODAS AS DIFICULDADES DO INÍCIO DE BRÁSILIA AO LADO DOS FILHOS

Mas com o restante da família não foi bem assim. Até mesmo para as crianças foi difícil. "Lembro de uma carta que meu filho Renato recebeu de um amigo carioca perguntando como ele conseguia viver em uma cidade sem praia. A resposta dele foi que aqui não tinha praia, mas tinha lama", diverte-se Justino. A falta da praia e de opções de lazer oferecidas pela nova capital era compensada por outros meios de diversão. "Os institutos mandavam fitas do Rio de Janeiro com filmes para assistirmos nos fins de semana", conta Justino. Valia, inclusive, ir conferir o filme que estava em cartaz no acampamento vizinho. Dessa forma, o programa era o filme e o passeio. Depois da inauguração vieram outros cinemas e os clubes, como o Iate ou o Cota Mil, mas "as crianças foram crescendo e perdendo o interesse pelos clubes e eu também parei de ir".

Entre tantas lembranças que o médico pioneiro tem do início da cidade, dois dias chamaram mais sua atenção. O primeiro foi o da abertura das comportas do Lago Paranoá, uma paixão de-

“**ERA DE NOITE E A CIDADE NÃO TINHA LUZ. EM UM DETERMINADO MOMENTO DA CERIMÔNIA (DE INAUGURAÇÃO), AS LUZES DA CIDADE FORAM TODAS ACESAS. VER AQUELA ESPLANADA TODA ILUMINADA PELA PRIMEIRA VEZ FOI EMOCIONANTE**”

clarada de Justino. "Esse Lago é um espetáculo até hoje. Aquele dia ficou realmente marcado na história de quem vivia aqui", conta. Justino ressalta que o Lago Paranoá não era muito bem-visto pela imprensa nacional. "Dizia-se nas colunas sociais e nos jornais cariocas que as águas iriam subir além da cota mil e inundar a cidade", lembra Justino, aos risos.

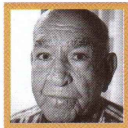
O outro dia que não sai da privilegiada memória de Justino é 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, embora ele não tenha sido convidado para a cerimônia oficial do governo. E a família toda se reuniu e foi para a Praça dos Três Poderes, onde hoje está o Supremo Tribunal Federal, assistir à missa em ação de graças pela inauguração da cidade. "Era de noite e a cidade não tinha luz. Em um determinado momento da cerimônia, as luzes da cidade foram todas acesas. Ver aquela esplanada toda iluminada pela primeira vez foi emocionante", conta Justino, sem fugir à comparação: "Os pioneiros naquele momento davam Brasília à luz".

## Raio X

**Nome:** Justino Baumann das Neves  
**Idade:** 91 anos  
**Origem:** Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a Brasília:** 1958  
**Profissão:** Médico gastroenterologista  
**Esposa:** Maria Clara Coelho Baumann das Neves  
**Filhos:** Léia e Renato  
**Netos:** Daniela, Ricardo, Mario Junior, Ana Amélia, Sérgio e Marcelo



## PIONEIROS



Roosevelt Nader

# Eficiência e dedicação para urbanizar o planalto

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi nas rodas de bate-papo com os amigos, na pequena Ibiá, no sul de Minas — onde nasceu —, que Roosevelt Nader ouviu falar, pela primeira vez, sobre a possível mudança da capital para o interior do país.

Desde os primeiros anos de vida, o mineiro já dominava os ofícios da fazenda, de propriedade do pai. A administração da pequena indústria de beneficiamento de cereais também era de sua responsabilidade. As habilidades e técnicas agrícolas ele desempenhava com perfeição. Isso acabou servindo de incentivo para a busca de novos conhecimentos, anos depois, na Faculdade de Agronomia, no Rio de Janeiro.

Concluindo o curso na Cidade Maravilhosa e já homem feito — casado e pai de três filhos pequenos —, ele voltou a Minas, onde morou por um bom tempo. Mas quando os filhos — Luiz Roberto, Júlia e Paulo Sérgio — atingiram idade escolar, Roosevelt chegou a pensar em voltar para o Rio, a fim de que pudessem ter uma educação de qualidade.

Antes disso, no entanto, o agrônomo resolveu dar um pulo no local onde estava sendo preparado o terreno para a construção da nova capital, a convite do amigo deputado Monteiro de Castro, que o apresentou à diretoria da

Arquivo Público



Novacap — naquela época chamada de *Velhacap*. O presidente, Íris Meimberg, e o engenheiro-agrônomo Joaquim Tavares, responsável pela política de abastecimento da futura capital, insistiram para que o mineiro ficasse em Brasília. Precavido, achou melhor consultar a esposa, Edite. “Primeiro vou conversar com ela para saber o que acha da idéia”, ponderou Roosevelt.

Como a mulher não tinha nenhuma afinidade com o Rio de Janeiro e os amigos de Ibiá, que moravam aqui, sempre falavam bem da cidade, não pensaram

duas vezes. A prudência de Roosevelt o trouxe a Brasília em meados de 1958 com a intenção de ficar apenas seis meses, “só por experiência”. Tempo suficiente para conseguir estabilidade e uma casa para a família, que havia ficado em Minas.

“Quando cheguei aqui confesso que fiquei meio descrente, mas depois, vendo a disposição e o entusiasmo dos trabalhadores, senti que o sonho da construção da nova capital poderia dar certo”, conta o morador que se adaptou bem ao local. “As amizades nasciam espontaneamente, cada um pres-

tava apoio aos que iam chegando. Havia um espírito de cordialidade e de muita tranquilidade”, lembra Roosevelt, que chegou a imaginar a cidade cheia de forasteiros.

Depois de se inscrever na Novacap, o engenheiro foi chamado para preencher o quadro de funcionários do Departamento de Terras e Agricultura — DTA, ao lado do colega Joaquim Tavares, então chefe do departamento. O pioneiro se desdobrava nas funções, ora cuidava da agricultura, ora estava aplicando as técnicas da engenharia rural ou ainda de mecanização.

Com o desmembramento do DTA, o agrônomo foi nomeado para chefiar o Departamento Geral de Agricultura, onde ficou durante três meses cuidando da defesa animal, vegetal, sanitária e agrícola da nova capital.

**O PROJETO E A  
EXECUÇÃO DO BALÃO  
DO AEROPORTO LEVAM  
A ASSINATURA DE  
ROOSEVELT NADER**



## PIONEIROS

*Este mineiro de nascimento e carioca de criação se considera brasileiro de coração, e até mesmo os fatos tristes ocorridos na cidade são sentidos sem rancor ou revolta pelo pioneiro*

**AOS 84 ANOS, ROOSEVELT AINDA CURTE A CIDADE COM A FILHA E DOIS NETOS**



Os seis meses se passavam e a promessa dos diretores da Novacap de fornecer o material para a construção da casa do pioneiro findava. Até então, ele morava de favor com um casal de amigos de Ibiá, que residia na capital. Diante da diretoria ele foi enfático: "o prazo está terminando e se eu não arrumar uma casa e trazer a família, então..." então estava tudo desfeito. Em pouco tempo, com a autorização de Íris Meimberg na mão e de posse do material, ele iniciou as obras da residência, na Candangolândia.

"Era uma casa de bom tamanho, com quatro quartos, duas salas, cozinha, banheiro e dependências de empregada", descreve. Apesar de ser toda em madeira — naquela época ainda não havia casas em alvenaria —, "ela foi feita no capricho", garante Roosevelt, que no início de 1959 pôde matar a saudade da família, que trouxe para morar com ele.

### Urbanização

As obras de urbanização e ajardinamento desenvolvidas pelo pioneiro, durante a construção de Brasília, podem ser vistas em todos os cantos da cidade. O projeto e a execução do balão do aeroporto levam a sua assinatura. Bem como o ajardinamento da W3 Sul e das superquadras e a arborização do Eixo Rodoviário.

O profissionalismo do pioneiro também está presente no Centro Esportivo Presidente Médici — onde ele foi o responsável pela urbanização —, na ponte que liga o Plano Piloto ao Lago Sul — na altura do Gilberto Salomão —, na pavimentação da entrada do Guará e no recapeamento do asfalto que leva às cidades-satélites

de Sobradinho e Planaltina.

A responsabilidade era ainda maior à medida que a inauguração de Brasília se aproximava. O engenheiro-agrônomo tinha que entregar as obras até o dia 21 de abril e cobranças não faltavam, principalmente vindas do "chefe maior", Juscelino Kubitschek, que sempre vistoriava o andamento das obras.

"Juscelino vinha toda a semana e cobrava muito", lembra Roosevelt. Segundo ele, a palavra de ordem do presidente era trabalho e dizia "da próxima vez que eu voltar aqui quero ver isso pronto". A exigência tinha um motivo, entregar a Praça dos Três Poderes pronta a tempo da visita do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, que estava prestes a chegar.

Para dar conta da empreitada

e não decepcionar o presidente — amigo de longa data, desde os tempos de campanha para o governo de Minas —, Roosevelt trabalhou até a madrugada do dia da visita. "Fui embora já quase de manhã debaixo de uma chuva grossa e acabei pegando uma pneumonia", conta o engenheiro.

O trabalho puxado era compensado por bons momentos como o dia em que foi convidado a almoçar com o presidente no Palácio Alvorada. Ele estava a serviço no Palácio e Juscelino passou e lhe disse sem cerimônia e com toda sua simplicidade: "Senta aqui e vamos almoçar". "JK era uma pessoa espetacular, exigente, mas também era trabalhador e estava sempre presente", afirma Roosevelt. "Na minha opinião, de-

pois de Arthur Bernardes, ele foi o melhor presidente que o país já teve. Só Getúlio se aproximou do governo dele", acrescenta.

O desbravador também ajudou na demarcação dos eixos e contribuiu para o processo de desapropriação de terras. Quando os proprietários se mostravam resistentes à desapropriação, era o mineiro que facilitava a negociação.

O reconhecimento dos primeiros moradores ao trabalho desempenhado por Roosevelt Nader o levou a ocupar a presidência da Novacap na década de 70 e outros importantes cargos no governo do Distrito Federal — por meio de um concurso —, entre eles o de coordenador das Administrações Regionais, chefe-de-gabinete e depois secretário da Agricultura, diretor do Departamento Florestal, coordenador de Recursos Naturais e secretário de Viação e Obras.

Para ele, que se considera "mineiro de nascimento, carioca de criação e brasileiro de coração", a cidade de Brasília representa a sua afirmação profissional e o ápice de sua carreira. As lembranças tristes como as mortes da mãe, da esposa e dos dois filhos ocorridas aqui, ele tenta compreender, mas sem se deixar abater.

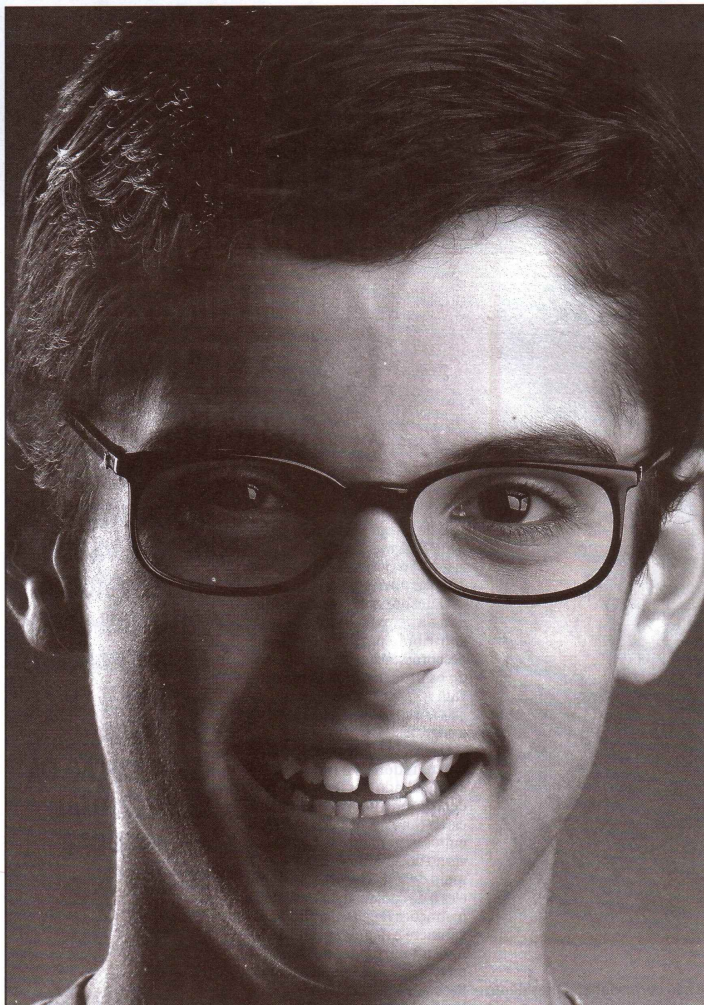
Aposentado, o pioneiro — aos 84 anos de idade —, em grande forma física, encontrou na academia de ginástica e na natação uma maneira de preservar a saúde e o porte atlético. O ex-presidente do Minas Brasília Tênis Clube é sempre procurado pela imprensa para dar a receita de como encarar de frente a terceira idade com saúde e disposição.

“  
QUANDO  
CHEGUEI AQUI  
CONFESSEI QUE  
FIQUEI MEIO  
DESCRENTE, MAS  
DEPOIS, VENDO A  
DISPOSIÇÃO E O  
ENTUSIASMO DOS  
TRABALHADORES,  
SENTI QUE O  
SONHO DA  
CONSTRUÇÃO DA  
NOVA CAPITAL  
PODERIA DAR  
CERTO”

### Raio X

**Nome:**  
Roosevelt Nader  
**Idade:**  
84 anos  
**Origem:**  
Ibiá, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1958  
**Profissão:**  
Engenheiro-agrônomo  
**Esposa:**  
Edite Cury Nader (falecida)  
**Filhos:**  
Júlia, Luiz Roberto e Paulo Sérgio  
**Netos:**  
Cristiano e Maurício

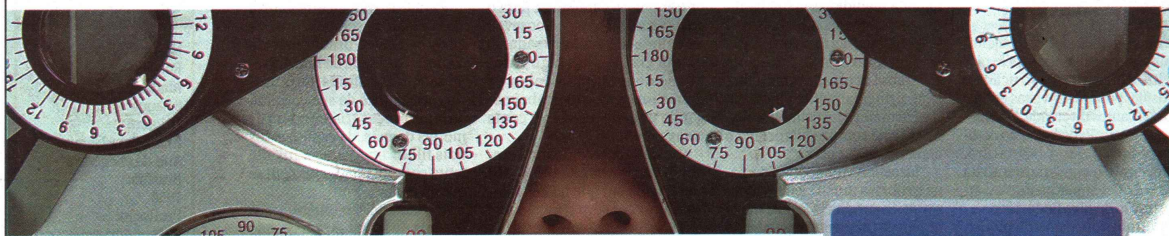
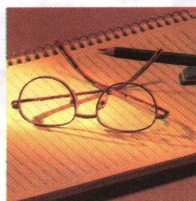




# O PROBLEMA DO FELIPE NÃO ERA INTERPRETAR O TEXTO, ERA ENXERGÁ-LO.

## PROGRAMA BOA VISÃO.

AValiação completa da saúde ocular. Tratamento e distribuição de óculos para quem precisa.



Os pais do Felipe não entendiam por que ele ia mal no colégio. Achavam que era dificuldade de aprender, falta de empenho, excesso de brincadeira e tudo. Só não imaginaram que o problema do Felipe era miopia. Quem descobriu foi o pessoal do **Boa Visão**. Um programa do GDF que aplica teste de acuidade visual, avalia a saúde

ocular, faz cirurgias e distribui, gratuitamente, óculos àqueles que precisam. Somente este ano foram realizadas 3.000 cirurgias oculares e distribuídos cerca de 1.000 óculos, atendendo mais de 80.000 pessoas de todas as faixas etárias no DF. Uma delas foi para o Felipe, que hoje tem melhor desempenho na sala de aula.

